

# INVESTIMENTO TECNOLÓGICO, UM DESVIO DE PROPÓSITOS DA FAPESP

Sérgio Henrique Ferreira  
Professor da FMRP

*Preocupa o desvio dos propósitos para os quais a Fapesp fora criada: amparo à pesquisa científica. Em nenhum de seus objetivos estava incluído o investimento na área tecnológica. Sabia-se que investimento em desenvolvimento tecnológico é um projeto basicamente industrial.*

*A indústria usa o conhecimento universitário, pode até temporariamente se associar em projetos comuns. Nunca foi função da Universidade fazer ciência especificamente para desenvolvimento técnico: é função da indústria e institutos tecnológicos. Investimento em desenvolvimento de tecnologias para novos produtos, ou aumento de valor agregado, é extremamente oneroso. Por isso é que investimentos em ciência básica e desenvolvimento tecnológico não podem seguir o princípio dos vasos comunicantes. Se seguirem, como acontece agora na Fapesp, a verba para a pesquisa acadêmica vai secar.*

**R**ecentemente, a convite do Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o professor Vogt, Presidente do Conselho, fez uma exposição sobre o momento que vive a Fapesp. Na opinião da maioria dos colegas que estiveram presentes (em particular dos membros de nossa Comissão de Pesquisa) a Fapesp, apesar da sua grande repercussão na mídia, vem paulatinamente perdendo sua credibilidade entre os cientistas paulistas. A palestra do professor Vogt não alterou nossa opinião, mas, de fato, confirmou a nossa percepção.

Como tive uma convivência pessoal de mais de quarenta anos com a Fapesp, assistimos nesta última década à deterioração paulatina das relações com cientistas, a tal ponto que hoje os cientistas passaram a servir à burocracia fapespiana, a qual assumiu o papel de um grande cartório no qual o bom senso desapareceu.

O bom senso foi substituído por uma grande dose de autoritarismo que permeia suas relações e decisões. Existe uma lista enorme de pontos que constituem atritos diários com os cientistas: atraso dos mais variados tipos na análise e autorga dos projetos; dificuldade de seguir a tramitação dos projetos; interpretação errônea de pareceres dos assessores; extinção de tipos importantes de bolsas; informações telefônicas contraditórias; suspensão do financiamento para

revistas científicas nacionais; mudanças de critérios na importação, com a criação de regras acrílicas (por exemplo, o cálculo da fração de cada item importado em relação ao total outorgado: que adianta esta cifra, se é daquele item que o pesquisador precisa!!!).

Claro que esta listagem pode preencher várias páginas. Neste contexto, podemos resumir que a Fapesp passou a tratar os pesquisadores como labregos irresponsáveis. Um exemplo disso está em um dos novos quesitos de importação: “Descrição do estado atual da pesquisa que evidencie claramente ser

*“A comunidade científica está apática, ou com medo de uma retaliação burocrática”*

inadiável, a fim de não se comprometer irremediavelmente o futuro do projeto, a importação dos bens em questão”. Qual será o burocrata capaz de fazer tal julgamento? Até um consultor *ad hoc* teria de ter uma enorme clarividência, para decidir se a importação de uns miligramas de uma droga compromete o futuro de um projeto. É desta forma que os trâmites burocráticos fapespianos vêm crescendo e tornando seu corpo administrativo incompetente.

Foi dito ao professor Vogt, em nossa reunião, que a Fapesp está ficando desacreditada entre os pesquisadores. Mas quero deixar claro

que muitos de nós não concordam com esta opinião, e colocam a culpa do que vem ocorrendo no grande crescimento de encargos que a Fapesp tem assumido. Quanto aos problemas administrativos sou otimista. Estes problemas administrativos poderão ser sanados com a redução dos entraves burocráticos, aumentando a proximidade da administração com os cientistas (introduzindo um cientista vivo na função de ouvidor em cada comitê assessor: por favor não nos dêem endereços eletrônicos).

Reconstrução do Portal da Fapesp, pois ele é muito pobre, não contém as informações necessárias para julgarmos a distribuição de bolsas, nem os valores dos projetos aprovados. O que existe é mais uma autopromoção ou explicações simplórias sobre suas atividades. O dinheiro gasto com a revista de divulgação da Fapesp (R\$ 2.400.000,00 por ano) seria melhor usado no aprimoramento de seu Portal, fornecendo dados adequados que permitissem a análise do andamento de seus investimentos em ciência, tecnologia e promoção.

Há todo um panegírico sobre o programa Inovação Tecnológica em Pequenas Empresas (PIPE)... Encontram-se os recipientes e a data do término do financiamento. É impossível saber o que aconteceu com os projetos! Projetos de desenvolvimento sempre têm um ponto terminal (produto ou processo) e permitem a definição clara de um cronograma de desenvolvimento (o que é quase im-

possível em projetos de pesquisa básica). O mesmo desastre ocorre com os painéis do programa de Parceria para Inovação Tecnológica universidade-empresa (PITE).

Mas não são estes aspectos pontuais que mais me preocupam, e sim o desvio dos propósitos para os quais a Fapesp fora criada: amparo à pesquisa científica. Em nenhum de seus claros objetivos fica incluído o investimento na área tecnológica. Talvez porque desde aquela época sabia-se que investimento em desenvolvimento tecnológico é um projeto basicamente industrial, deve ser realizado pela indústria e nos departamentos e laboratórios científicos industriais. A indústria usa o conhecimento universitário podendo até temporariamente se associar em projetos comuns. Não é, e nunca foi função da Universidade, fazer ciência especificamente para desenvolvimento técnico: é função da indústria e institutos tecnológicos.

Na Universidade os pesquisadores devem ter a liberdade de utilizar a sua criatividade. A grande mudança na Fapesp foi paulatina, a partir de 1989, quando o percentual da renda tributária foi elevado para 1%. Tudo leva a crer que a partir deste momento a visão desenvolvimentista tecnológica tomou conta. É quando surgem projetos claramente de apoio às indústrias (PITE, PIPE, TIDIA, ConSITec...).

Sempre fui um pesquisador que trabalhou na interface Universidade/indústria. Certamente estou entre aqueles que sempre lutaram pelo desenvolvimento de uma indústria nacional genuína. Além do mais, trabalhei



em desenvolvimento em indústrias internacionais. Sei perfeitamente que desenvolvimento de ponta tem sempre que contar com o apoio explícito ou disfarçado do Estado (juros baixos, investimentos a fundo perdido, redução de impostos etc. etc.).

Sei também que o investimento em desenvolvimento em tecnologias para novos produtos, ou aumento de agregação de seu valor, é extremamente oneroso. Por isso é que investimentos em ciência básica e desenvolvimento tecnológico não podem seguir o princípio dos vasos comunicantes. Se seguirem, como acontece agora na Fapesp, a verba para a pesquisa acadêmica vai secar.

O pior é quando uma agência de fomento começa a assumir funções de secretarias de Estado, com projetos não científicos com professores do ensino fundamental (estes projetos devem existir, o ensino fundamental é extremamen-

te importante, mas não é uma atribuição da Fapesp — vai ver que é, e estou errado!). Mas o que estou colocando, o faço para estimular uma discussão na comunidade científica, que está apática ou com medo de uma retaliação burocrática, como foi exposto em recente artigo na *Folha de S. Paulo*.

Para terminar, preciso esclarecer que como cientista biológico não poderia ser contra o desenvolvimento da genômica e da proteômica no Brasil. Não acho, porém, que a forma adotada seria a desejável para nosso meio. Hoje o Projeto Genoma é um projeto bola de neve (como temos equipamentos, temos que continuar fazendo!!!) que não tem ponto terminal definido, tornando-se portanto anties-tatutário (é vedado à Fundação “assumir encargos externos permanentes de qualquer natureza”). Esta observação talvez valha para outros projetos intitucionais hoje em curso na Fapesp.